

Entrevistando Gilberto Gil: pano da costa, feminino e os estranhamentos sobre masculinidade no Roda Viva¹

Beatriz Santos dos Passos²
Nealla Valentim Machado³
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

O presente trabalho elabora uma análise interseccional das perguntas feitas ao cantor Gilberto Gil no programa Roda Viva, exibido em 1987. Com elementos da narrativa audiovisual e abordando referenciais teóricos sobre masculinidades negras, gênero e identidade, a pesquisa propõe uma discussão de como dois discursos simbólicos distintos em relação aos conceitos de masculinidade entram em estranhamento no produto telejornalístico. De forma que, por meio da investigação, é possível mapear a presença de narrativas racistas acerca da performance da masculinidade de Gilberto Gil, como também um discurso misógino provocado pelos estranhamentos de sentidos.

Palavras-Chave

Masculinidades Negras; Roda Viva; Gilberto Gil; Interseccionalidade.

Introdução

A primeira entrevista do cantor Gilberto Gil para o programa Roda Viva, transmitido pela TV Cultura de São Paulo, foi ao ar no ano de 1987. Na época Gil era presidente da Fundação Gregório de Matos de Salvador, um cargo que equivaleria ao de secretário da cultura do município de Salvador, capital da Bahia, e já acumulava reconhecimento crítico tanto na indústria musical, por sua participação no movimento tropicalista⁴, como também

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Poder e bolsista Capes. E-mail: bbeatrizppassos@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM/UFMT); Professora do departamento de Comunicação (UFMT) e Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea/PPGECCO, e-mail: nealla.machado@ufmt.br.

⁴ Matéria escrita por Crisley Santana: <https://jornal.usp.br/universidade/movimento-tropicalista-reassignificou-caracteristicas-brasileiras/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

nos movimentos sociais, por sua importante influência contra a ditadura militar (1964–1985), época na qual o cantor chegou a ser preso e exilado. Também no ano da sua estreia no programa, o Brasil estava marcado pelo processo de redemocratização e vivia a instalação da Assembleia Nacional Constituinte⁵, marco que ampliou presença de organizações populares como movimento negro, indígena, feminista e LGBTs nas cenas de disputas políticas e narrativas.

Em 1987, o Roda Viva, por sua vez, já acumulava um ano de realização e era apresentado pelo jornalista Rodolpho Gamberini. De acordo com o levantamento produzido por Silva (2010) o programa surge no contexto pós-ditadura, impulsionado pelo Movimento Diretas Já⁶.

Roda Viva, desde suas origens, tem se empenhado em colocar no centro de seu cenário, constituído em forma de arena, as principais personalidades nacionais e internacionais das áreas da política, artes, economia, cultura, esportes, educação e ciência, a fim de construir-se como um locus de discussão social (Silva, 2010, p. 49).

Considerando a relevância dada ao programa e a influência de Gilberto Gil, a presente pesquisa se debruça sobre o discurso produzido na entrevista realizada em 1987, disponível no canal do Roda Viva no Youtube⁷, por meio de um resgate de programas passados e publicados na playlist Roda Viva Retrô. No decorrer do estudo, são analisados trechos do programa nos quais são direcionadas perguntas sobre os marcadores interseccionais identidade negra e sexualidade de Gilberto Gil, a análise é feita por meio da análise interseccional com impressões a partir conceitos de masculinidades e recursos metodológicos de análise audiovisual, a fim de encontrar caminhos que possibilitem a compreensão de porque determinados símbolos são associados às masculinidades negras e como a sua quebra de expectativa pode gerar estranhamentos que evidenciam como estigmas raciais e patriarcais são produzidos e reproduzidos pelo audiovisual, em especial, pelo Roda Viva.

⁵Diários da Assembleia Nacional Constituinte:

https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao-cidada/publicacoes/diarios_anc. Acesso em: 21 jun. 2025.

⁶ Apanhado dos procedimentos legislativos das Diretas Já:

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/diretas-ja>. Acesso em: 21 jun. 2025.

⁷ Roda Viva Retrô | Gilberto Gil | 1987: <https://www.youtube.com/watch?v=LLQyblvuaPo&t=3344s>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Metodologia e Procedimento Analítico

Como procedimento analítico, a pesquisa se concentra nas contribuições de Patrícia Hill Collins (1990) e adere a interseccionalidade como metodologia, considerando- a “como uma abordagem analítica que trata de como diferentes formas de opressão se inter-relacionam mutuamente e são estruturadas por sistemas de poder interligados” (Collins, 1990, p. 299). De maneira que realiza uma observação discursiva a partir dos apontamentos proposto pelo métodos, como desenvolveu a autora:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente (Collins; Bilge, 2021, p. 15–16).

No que tange a perspectiva de interseccionalidade, há um entrelace com os recursos da análise de audiovisual, fazendo ao levantamento elementos da narrativa e estética audiovisual, como enquadramento, minutagem e efeitos sonoros oriundos do texto fílmico.

Apesar do programa citado ter em sua totalidade 1 hora e 53 minutos e 3 segundos, a pesquisa se concentra no trecho de 4 minutos e 49 segundos, no qual são destacados os temas interessados nesta análise.

Como de costume, no programa Roda Viva, Gilberto Gil é entrevistado no centro de um círculo formado por bancadas. Na tela ele aparece também centralizado e sentado em uma cadeira que gira em torno da roda conforme ele é acionado por cada entrevistador. Não há a presença de sonoplastia durante o programa, com exceção da vinheta apresentada durante os cortes entre um bloco e outro. De forma geral, o programa se concentra somente nas perguntas e respostas e divide a captação de imagem entre os jornalistas, apresentador, o cartunista Paulo Caruso - seus desenhos - e com Gilberto Gil, que em alguns momentos é filmado de cima ou de costas, demonstrando que ele encontra-se cercado pelos jornalistas.



Figura 1: Gilberto Gil em entrevista ao programa em 1987

Fonte: Roda Viva, 2018.

Outro ponto de atenção é que toda a bancada de jornalistas é composta por homens brancos, sendo eles e seus cargos à época: Jorge Mautner, músico e escritor; José Miguel Wisnik, músico e escritor; Zuza Homem de Melo, crítico de música da Rádio Jovem Pan; Marcos Ferma, jornalista do Jornal da Tarde e da TV Cultura; Marcelo Rezende, repórter da revista Placar; Ricardo Coutinho, repórter do Jornal do Brasil; Leão Serva, jornalista da Folha de São Paulo; e Serginho Leite, repórter da Rádio Transamérica. Ao serem anunciados todos são colocados em foco e aparecem em plano fechado na tela.

O ponto-chave para a pesquisa ocorre nos 53 minutos de entrevista, quando o Gil diz de forma irônica que até o momento não havia sido “apertado” por ninguém, dando a entender que nenhuma pergunta o havia desconcertado no programa. Após a fala do cantor, todos se agitam e o apresentador toma a palavra para si de diz:

A primeira então está aqui, a pergunta do telespectador. Não, não, eu já disse, claro que todos podem, mas eu separei a pergunta do telespectador, que vai ser o primeiro a te dar um apertado. É Roberto Ferrari, que mora no bairro do aeroporto, aqui em São Paulo. Ele pergunta: por que você e Caetano têm um lado efeminado tão afluído? Se

hoje, como homem público, você não deveria, ele se escreve se referindo a você como ele, eu que estou fazendo aqui a tradução. Se hoje, como homem público, você não deveria ao povo uma postura mais decente do que a que você tem? (RODA VIVA, 2018).

Após a leitura da pergunta todos riem e Gilberto Gil responde:

Ele acha que eu devia começar a discriminar a mulher. Eu não sei. Só porque eu virei um homem público. Eu não sei. Como é que você responde? Parece que é, né? Parece que eu, ô meu Deus do céu. A pergunta é essa. O que ele chama de indecente? Eu não sei (Roda Viva, 2018).

Diante do desconforto apresentado por Gil, o apresentador tenta justificar a pergunta do telespectador e afirma:

Ele certamente estranhou a sua roupa. Aliás, têm algumas perguntas. Tem gente pedindo para que você levantasse para ver a sua roupa. Dá para levantar com o fio do microfone? Pode. Olha aí a roupa do Gil (Roda Viva, 2018).

Gilberto Gil então se levanta e começa a explicar o que está vestindo e porque escolheu tal vestimenta para ir ao programa:

Esse pano é chamado pano da costa, né? Os velhos escravos traziam da costa do Golfo, da Guiné, toda aquela parte da África, né? Esse pano é um pano, você vê nos velhos retratos, se você for no Gantois, por exemplo, você vê nos retratos dos antepassados, da mãe menininha e tudo mais, eles se vestiam com esses trajes, com esse tipo de pano, é o pano que vem da costa. Esse modelo, ao contrário, já é um modelo híbrido, um modelo que contempla um pouco o desenho africano, mas tem, você vê, essas coisas. Eu acho que estranhar esse tipo de coisa em Gilberto Gil, já ficou antigo, já faz muitos anos que eu sou uma pessoa que, digamos assim, que não contemplo uma linha específica daquilo que é consagrado como isso ou como aquilo. Eu já usei tranças, já tive lua e estrela no cabelo, já usei tranças (Roda Viva, 2018).

Em meio a explicação Gilberto Gil é interrompido por um jornalista que o pergunta qual sua opinião sobre a “questão do homossexual no Brasil”? (Roda Viva, 2018).

Então é respondido:

Eu acho que eles ainda são muito discriminados, eu acho que os homossexuais são perseguidos ainda, eles são vistos como uma, ainda como, a não ser em determinados meios, assim, já mais tolerantes e mais, a gente poderia chamar o que, mais progressistas ou qualquer coisa desse tipo, eles aí são entendidos como uma coisa normal, como pessoas que escolhem o exercício da sua sexualidade conforme os impulsos da sua sexualidade, quer dizer são responsáveis pelos seus próprios atos, pelos seus próprios impulsos, quer dizer, e fazem o que gostam, na medida em que são permitidos fazer o que gostam. E, infelizmente, ainda essa questão da cama, infelizmente, ainda está. Ainda não foi censurada. Ainda não foi censurada, as pessoas ainda vão para a cama com quem querem ir, ainda fazem amor com quem querem fazer, quer dizer, ainda está, mas eu espero que continue assim, pelo menos. Então, os homossexuais são isso. Agora, tem realmente uma área no Brasil que é

muito intolerante ainda com eles, porque estão ligadas aos signos, digamos, impostos demoníacos ligados à queda e a uma série de coisas, aos valores morais que imputam a homossexualidade, digamos assim, um grau de sexualidade inferior, decaída, etc. Que a gente não pode ter, em sã consciência, nenhuma autoridade para afirmar (Roda Viva, 2018).

Antes de concluir a resposta, o cantor é questionado por outro jornalista: “Você e o Caetano, têm um procedimento, de uns tempos para cá, muito afeminado em palco, etc?” (RODA VIVA, 2018).

Gil responde:

Eu não me acho nada afeminado no sentido, por exemplo, de que eu tente mimetizar, digamos assim, um personagem feminino. Eu não sou, eu falo normalmente, eu acho que tem em mim um equilíbrio muito natural, muito visível entre o homem e a mulher, dos quais eu sou filho. Entendeu? Eu acho isso, eu acho que eu contemplo tanto minha mãe quanto meu pai, eu acho que eu tenho em mim tanto da minha mãe quanto tenho do meu pai. Eu não posso negar que minha mãe é uma mulher. Como é que eu vou negar isso? Eu posso? Minha mãe não é homem. Minha mãe não é homem (Roda Viva, 2018)..

Todos voltam a rir no estúdio e o apresentador aproveita o burburinho e interrompe:

Gil, Gil, Gil. Eu posso me afetar? Gil, por favor, Gil. Eu tenho uma questão técnica aqui. A pergunta do Zuza foi feita pelo telespectador, só que eu tenho que chamar o intervalo. Então, a própria telespectadora já ditou uma regra para você. Você tem que responder sim ou não. Pergunta da senhora Maria Cândida, de Assis, cidade do interior de São Paulo. Você é homossexual?(Roda Viva, 2018).

Gil finaliza: Não (Roda Viva, 2018).

Esse bloco se encerra e ao retomar os entrevistadores mudam de assunto e outras pautas são discutidas no programa, as quais permitem diferentes análises e foram excluídas deste trabalho seguindo um recorte de corpus que permitisse uma investigação mais específica e direcionada, reconhecendo a limitação a qual a pesquisa se expõe.

Fundamentação Teórica E Análise

No trecho destacado fica evidente que há um estranhamento sobre a performance apresentada por Gilberto Gil no programa Roda Viva, de uma forma jocosa ele é interpelado por uma série de questionamentos que elaboram uma linha de raciocínio que o correlacionam a feminilidade e portanto a homossexualidade. Mas o que existe no discurso de Gilberto Gil que o coloca no sentido oposto do que a hegemônica performance simbólica masculina

deveria imprimir? Para a socióloga Raewyn Connell (1987), na sua obra *Gênero e Poder*, há um conceito básico para entender as estratégias de manutenção do poder simbólica dos homens: a masculinidade. Segundo ela, tal mecanismo refere-se a “um processo por meio do qual se configuram práticas de gênero, manifestadas em relações sociais atravessadas por instituições. Como também pode ser definido um processo estruturado na dominação global do masculino sobre o feminino, e que pode ser analisado como formas de posicionamento social, mediadas por práticas discursivas” (Connell, 1987).

Na direção de Connell, mas propondo uma dimensão racializada, o antropólogo Osmundo Pinho (2005) afirma que o homem negro se emascula pela subordinação racial a que está submetido.

Ele é ainda aquele super-sexuado, mais sexual ou mais sexualmente marcado que o homem branco, na medida em que é mais corpo, presença corporal significativa. A masculinidade negra incorporaria de um modo geral as contradições e ambivalências típicas de estruturas de dominação de raça e gênero que se associam e ao mesmo tempo se autocontradizem. Essa masculinidade negra é, basicamente, incorporada como o "corpo negro" que nunca passa despercebido. E mesmo em Salvador, onde somos maioria, esse corpo é constantemente destacado da experiência cotidiana para ser simbolizado, fetichizado e decomposto (Pinho, 2005).

Tais definições já apontam quais incômodos provocaram os telespectadores e os jornalistas a estranahem o porque Gilberto Gil - o homem negro o qual deveria se inscrever como um sujeito viril e dominador - estava em um programa de televisão com uma roupa colorida, simulando uma bata africana, falando sobre suas músicas que versavam sobre cultura, amor e liberdade. Elementos também caros ao ideal de masculinidade negra, que veste ao homem negro os elementos de marginalização como violento, truculento e agressivo (Pinho, 2005).

No entanto, apesar de ser compreendida como um código de algo afeminado, a bata africana expressava uma tentativa de Gil de interligar sua presença a sua negritude. Em sua resposta sobre a vestimenta percebe-se que ele deixa evidente o esforço de trazer elementos africanos para a sua figura. Um outro símbolo de construção de masculinidade alheia ao que estava sendo posto.

Nessa construção, ao introduzirem que o Gil age de maneira “indecente”, logo partem para uma espécie de acusação de que o mesmo seria feminino, sinalizando uma prática discursiva de relacionar o feminino, quando performado por um homem como indecente, aos

moldes do sistema patriarcal e misógino, que engendra um entendimento binário de gênero e coloca em submissão o feminino e em dominação o masculino. Prática já denunciada pela pesquisadora Valquiria Barros, ao afirmar que “as formas de perseguição e de julgamento da conduta feminina constituem uma cultura que expressa e comunica significados machistas e misóginos” (Barros, 2024, p.19).

Em sequência, o tensionamento sobre a sexualidade do cantor aparece, afinal, na estrutura patriarcal tudo que de distância da masculinidade também se repele da heterossexualidade. No sentido de que a heteronormatividade trata-se apenas de uma prática sexual, mas também de um modo de organização social e de vida. De acordo com o Vilela (2017),

O gênero, a sexualidade e a heterossexualidade são formados como objetos de discurso e sujeitos a regulamentação. Discurso este responsável por diferenciar o homem do feminino, para definir o que é sexual e também distinguir o normal do anormal (Vilela, 2017, p.104).

Considerações Finais

As primeiras análises desenvolvidas neste resumo permitiram compreender como os sentidos sobre masculinidades são evidenciados nos discursos presentes na entrevista com Gilberto Gil. É notório como um desvio mínimo das normas de gênero provoca incômodo e tensiona papéis sociais que atravessam a narrativa audiovisual telejornalística. De forma que o estranhamento sobre a presença destoante da masculinidade expressada por Gilberto Gil não afetou somente os telespectadores mas também a percepção dos que dividem a tela com ele, de alguma maneira as masculinidades a frente das câmeras se estranharam e deram vazão para um discurso heteronormativo, racista e misógino. É importante destacar que, embora tenha sido disparado por meio de uma pergunta do telespectador, foi o apresentador do programa quem a escolheu, foram seus parceiros de bancadas que riram e deram continuação a inquisição sobre o dogma da estética e discurso masculino. Desta forma, a pesquisa demonstra como ainda é preciso ter uma análise crítica sobre os discursos presentes no contexto midiático e em especial sobre masculinidade, uma vez que a sociedade vive sob o pânico construído por discursos misóginos. É interessante também salientar que o trabalho não põe na centralidade as respostas dados pelo Gilberto Gil às perguntas, elemento que produziria outras compreensões e se apresenta como possibilidade de avanço na dimensão

teórica e investigativa. Como também mostra-se pertinente também salientar que o presente trabalho é um começo da fase inicial de uma pesquisa de mestrado, na qual serão investigados outros episódios e outras direções poderão ser tomadas.

Referencial Teórico

BARROS, V. Demonização do feminino e misoginia a partir do movimento de caça às bruxas. *Revista Práxis*, v. 1, p. 219–237, 2024. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/3500/3264>. Acesso em: 21 jun. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNELL, R. W. *Gender and power: society, the person and sexual politics*. Sydney: Allen and Unwin, 1987.

OLIVEIRA, Rafael Moreira da Silva de. Masculinidades negras: um campo em construção. 2024. 95 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/50729?mode=full>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PINHO, Osmundo de Araújo. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 127–145, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/w7bBdcwdb9Twn3HDyPrD8bM/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

RODA VIVA. Roda Viva Retrô | Gilberto Gil | 1987. São Paulo: Roda Viva, 2018. 1 vídeo (1h58min03s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LL0yBLvuaPo&t=3344s>. Acesso em: 21 jun. 2025.

SILVA, Fernanda Mauricio da. O Roda Viva e as estratégias de construção de um debate público. Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo. In: **GOMES, I. M. M.** (org.). *Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 63–92. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-03.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.

VILELA, Gabriela Jaqueline Domingues. Um estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma escola pública: análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.